



DA LUXÚRIA AO AMOR

CATHY WILLIAMS







DALUXÚRIA AO AMOR

CATHY WILLIAMS



2007



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2005 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado por Harlequin Internet Titles

Título original: FROM LUST TO LOVE

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Correspondências para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ – 20220-971
Aos cuidados de Virginia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br



CAPÍTULO UM

Leo Smith jamais acreditara em destino. Seu avô tinha imigrado como indigente da América do Sul com sua jovem família e havia enfrentado sozinho, com muito trabalho, todas as vicissitudes. Seu pai continuou a tradição, construindo o império Smith, tijolo por tijolo, com muito esforço e suor.

Educou os filhos a base de trabalho árduo e respeito absoluto.

Acreditava que os resultados vinham somente da habilidade de pensar, trabalho pessoal e manobras astuciosas.

Mas o destino, inesperadamente, apareceu em uma das páginas finais do *New York Times*, e a ocasião não podia ser mais propícia.

Leo olhou o artigo que lhe chamara a atenção e sorriu para o retrato borrado da garota.

Ali estava Eleanor James, aproveitando seus quinze minutos de fama por ter impedido um incidente com arma, numa escola de alto nível, nos arredores de Londres. Teria ela a mínima idéia de que seu ato de bravura atravessaria o Atlântico até chegar sobre sua mesa às 7h30 de uma noite escura de novembro?

Leo quase riu alto diante da esplendida coincidência. Mas não riu. Em vez disso, afastou para trás sua cadeira giratória a uma distância suficiente para que esticasse as longas pernas sobre a mesa de madeira nobre, e pegou o telefone.

A chamada não levou mais que 3 minutos e foi para seu confiável amigo, atualmente a única pessoa que conhecia seu segredo e o potencial que este tinha para, de modo irrevogável, marcar o caminho de sua vida.

– Antônio, eu a encontrei. – disse Leo sem nenhuma explicação, porque não havia necessidade. Antônio Ruiz saberia com precisão a quem ele estava se referindo.

– Como?

– Pegue seu exemplar do *New York Times* e procure na página 12. Há um pequeno artigo no final da página. Impossível não ver a foto. Ela está morando em Londres, pelo que parece, e está sã e viva, salvando vidas de criancinhas. – Ele jogou a cabeça para trás e olhou para o teto, permitindo que sua bela e bem desenhada boca se curvasse num sorriso. O sorriso de um predador que finalmente encontrou sua vítima, depois de uma exaustiva caça.

– Seu pai ficaria feliz. Que seu espírito descanse em paz.

– É verdade.

– Deduzo que gostaria que eu lhe assegurasse que estará no próximo voo com destino a Londres?

– De Concorde, de preferência, amigo. – Pela primeira vez em quatro anos, ele experimentou uma sensação de paz dominando-o. Com os olhos em seus sapatos italianos feitos à mão, continuou: – Não há necessidade de desperdiçar recursos para descobrir coisas sobre a vida dela. Não há tempo para isso. Somente quero o número do telefone e onde está morando.

– É claro.

– Ah, Antônio, não preciso dizer que o segredo é a essência da coisa. Especialmente em vista do meu iminente casamento.

Ele tentou pensar em Caroline, mas a mente estava repleta demais de imagens de uma garota de rosto suave, cabelos castanhos e olhos azuis. Uma criatura pequenina e delicada, e com um sorriso igual a um raio de sol.

– A passagem estará sobre sua mesa no mais tardar amanhã, na hora do almoço. Ah, e boa sorte, Leo.

Leo sorriu e saboreou a prazerosa sensação de saber que sorte era a última coisa que precisava. Agora que finalmente a tinha encontrado, estava em posição de exorcizar aqueles sórdidos e secretos detalhes de seu passado, de uma vez por todas.

CAPÍTULO DOIS

– Por favor, mamãe, quero outro copo de suco.

No meio de uma cozinha impecavelmente arrumada, enquanto colocava um sanduíche de queijo, uma maçã e uma barra de cereal dentro de uma lancheira vermelha em forma de foguete, Ellie parou e sorriu para o filho.

– Estou perdendo a paciência com você – repreendeu ela, erguendo-o e beijando-o nas faces calorosamente, antes de colocá-lo de volta no chão.

– Mas estou com sede – reclamou William.

– E eu estou apressada. Se não sairmos agora, chegaremos tarde na casa de Jenny, e então vou chegar atrasada na escola. Você não quer que sua mãe chegue tarde na escola, quer?

– Quero.

– Não, você não quer, e além do mais Jenny disse que hoje será dia de divertimento. Ela vai levar três de vocês para nadar na piscina e depois irão todos passear num parque. Já providenciei seu calção de banho. – A linda criança rodopiou de alegria e o pequeno rosto iluminou-se num sorriso. O suco foi prontamente esquecido.

Pegando a bolsa, Ellie a vasculhou à procura da chave enquanto se dirigia à porta da frente. Foi quando o telefone tocou.

Ela parou um instante e ficou indecisa se atendia ou não. Uma ligação poderia atrasá-la mais ainda. Mas então pensou que poderia ser Jenny. Talvez estivesse doente e não pudesse ficar com William. Até mesmo as melhores

babás tinham seus dias de folga. Mas quem mais poderia estar telefonando às 7h45 da manhã?

– Espere aqui – instruiu ao filho e correu até a cozinha onde ficava o telefone – Sim?

– Eleanor James?

– Sim...? – Ela sentiu uma ponta de apreensão palpitar no coração e um aperto na boca do estômago, apesar de não ter idéia alguma de quem estava do outro lado da linha. Era simplesmente o tom de voz. Suave, lento, e de algum modo, determinado. Não como o de alguns repórteres que a tinham perseguido nos últimos dias, desde o incidente na escola. Graças a Deus, outros eventos mais recentes estavam começando a eclipsar o seu. Já tinha dado entrevistas à imprensa e apesar de relutante, havia até mesmo posado para fotos. Agora não via a hora para que toda aquela confusão acabasse.

– Lembra-se de mim?

E de repente aquilo a atingiu como uma martelada na cabeça, temporariamente paralisando sua fala, deixando as pernas fracas de tal modo que teve que se sentar na cadeira da cozinha.

– Sinto muito... – gaguejou ela. – Se você é repórter – acrescentou, agarrando-se à última gota de esperança ao seu dispor, porque a alternativa era horrível demais para suportar. – Estou com uma pressa terrível. Já disse tudo que tinha para dizer.

– Oh! Você me decepciona. – Uma risada suave soou através do telefone, mas não era uma risada agradável.

– Não se lembra de Las Vegas... quatro anos atrás?

– Las Vegas. – Ela comprimiu os lábios fortemente – Quatro anos atrás?

– Venho procurando por você há algum tempo.

Era inútil fingir que não sabia quem estava falando. Olhando para a porta da cozinha, de repente estava rezando para que William não começasse a fazer qualquer barulho. Ele estava tentando amarrar os sapatos no momento, mas garotinhos podiam mudar de um estado de relativo silêncio para um barulho ensurdecedor em questão de segundos.

– Sinto muito – disse ela tentando parecer firme, tentando não deixar as mãos tremulas transmitirem uma mensagem similar ao tom da voz. – Adoraria sentar aqui e conversar um pouco, mas estou com uma pressa terrível...

– Então por que não nos encontramos mais tarde? Digamos, 7h30 da noite, para jantar. Tenho uma mesa reservada no Square. Hanover Square. Muito elegante e luxuoso, e estarei esperando por você lá. Ah, Ellie, nem pense em não aparecer porque tenho seu endereço e não hesitarei em aparecer aí para encontrá-la. Temos muitas coisas para conversar.

Com a boca seca, Ellie desligou o telefone e olhou para o filho. Para o filho *deles*. Tantas coisas para conversar... para ela, muitíssimo a perder.

CAPÍTULO TRÊS

Era este, e somente este, o fator decisivo. É claro que ele tinha o endereço dela e óbvio que poderia usá-lo.

Ela tivera muito sucesso em afastar aquelas lembranças indesejáveis da mente. Todos aqueles anos e as imagens somente surgiam na memória uma vez ou outra.

Sim, tinha sido difícil. Especialmente no começo, quando descobrira que estava grávida. Carregando um bebê por conta própria, sem pais vivos para lhe darem um apoio moral, e sem parentes para ajudá-la de alguma forma. E tinha sido difícil a consciência de que seu filho nasceria sem um pai, um pai que ele nunca conheceria, pois ela nem mesmo sabia o sobrenome do homem.

Agora, sentada em frente à penteadeira, preparando-se para encontrá-lo, a lembrança daquilo tudo era o suficiente para que fazê-la colocar a cabeça entre as mãos e suspirar profundamente numa tentativa de subjugar o terror crescente na garganta.

Dois dias com ele. Podia recordar-se do primeiro dia, mas então, as recordações do segundo dia, véspera de ano-novo, numa cidade que era um pandemônio de excitação e barulho pelas festas de fim de ano, eram obscuras, para dizer o mínimo. Ela havia se portado... Bem, não podia simplesmente se sentar e contemplar como se portara naquele dia. Nenhuma razão para seu comportamento, nada além de uma confusão emocional. Dizer que tinha agido daquele modo devido à tristeza pela morte da mãe, não justificaria a vergonha de saber

que havia bebido tanto a ponto de perder a virgindade com um ho-mem que mal conhecia, que tinha acordado com uma terrível dor de cabeça, numa cama estranha, com um homem estranho esparramado ao seu lado, e que escapara da cena como um ladrão foge de um tiro.

O fato é que ela havia fugido.

E nada iria mudar, disse para si mesma com determinação. *Eu vou encontrá-lo e simplesmente responderei suas perguntas.*

Porque ele, com toda certeza, iria querer saber por que ela fugira.

Esta era, é claro, a razão pela qual ele a tinha contatado. Podia não se lembrar com clareza dos detalhes do breve relacionamento deles, uma vez que a bebida fora a cruel vilã, mas podia lembrar-se do tipo de homem que ele tinha sido. O tipo que as boas garotas gostam sempre de se prevenir contra.

Tudo bem, ela também não tinha sido uma boa garota na ocasião. Efervescera em alta voltagem e havia se portado como uma pessoa sem caráter. Tinha tramado uma bem elaborada história sobre si mesma, tudo pura ficção, e numa cidade que zumbia como enxame de abelhas, aproveitara cada minuto daquela fantasia. Não mais fora a simples Eleanor James que tinha ido para os Estados Unidos com sua melhor amiga, a fim de aproveitar um pouco a vida e tentar escapar da grande dose de infelicidade dentro de si. Tinha inventado ser Eleanor James, rainha da alta sociedade, resplandecente em experiência, equilíbrio e esperteza.

Assim também ele. Exceto que a história do homem era verdadeira. Ele se apavoraria só de pensar em dormir com uma virgem, e ela tinha escapado antes que fosse forçada a encarar as próprias mentiras tolas.

Fugiu de volta para a Inglaterra e assumiu as consequências.

– Certo, Jen, vou sair agora. – Jenny e William estavam na sala de estar, com a televisão ligada, o menino completamente absorvido por seus carrinhos de brinquedo. – William, você vai para a cama dentro de cinco minutos, conforme o combinado, certo?

– Você está... maravilhosa, Ellie. Vai encontrar-se com algum gato?

– Oh não, apenas um velho conhecido de passagem por Londres. Estarei de volta às 10 horas. – Ela caminhou com elegância natural sobre os saltos altos até onde o filho brincava no chão e com carinho beijou-lhe o pescoço.

Aquilo, pensou Ellie, era o que realmente importava e ninguém iria tomar isso dela.



CAPÍTULO QUATRO

Leo reservara uma mesa de onde poderia facilmente ser capaz de ver Ellie no minuto que ela entrasse, antes que tivesse tempo de avistá-lo. Bem no fundo do espaçoso restaurante, ao canto. Os olhos dela vagariam de modo hesitante entre os demais freqüentadores antes de localizá-lo, e ele poderia então aproveitar aqueles poucos e valiosos segundos para fixar a mulher que o tinha iludido durante quatro anos de infrutífera procura.

Aproveitaria também para observar a única mulher que fugira dele em toda sua vida. E de modo tão perfeito, como se houvesse desaparecido da face da terra.

Levando o cálice à boca, tomou um gole de vinho e se sentou na cadeira, tão relaxado quanto um tigre esperando sua vítima. Leo não estava notando nada ao seu redor, apenas registrou que eram pessoas elegantes, refinadas e de bom gosto.

E então ele a viu. Todos os músculos do corpo pareceram congelar, como se tivesse sido atirado de volta ao passado.

Como havia previsto, ela olhou insegura em volta do suntuoso espaço, por alguns segundos.

Ellie não havia mudado. Ainda tinha aqueles cabelos pretos lisos até os ombros, como uma cascata. Sua figura era tão delgada como ele bem recordava e os saltos altos a faziam parecer mais alta e ainda mais feminina.

Sentando-se ereto, abaixou involuntariamente os olhos para o envelope pardo sobre a mesa. A razão daquele encontro.



Quando voltou a erguer a cabeça, ela estava ali, fitando-o. E o brilho daqueles olhos azuis instigaram uma urgência de sentimentos que Leo nem mesmo tinha consciência que existiam dentro dele. Mais importante era que a mulher que o deixara sem a mínima explicação, levava um pedaço de sua alma com ela quando se fora.

Apertando os lábios, encarou-a. E então pôde ver medo nos olhos azuis. Qual motivo, afinal, ela teria para ter medo? Se houvesse alguma coisa, deveria estar sentindo o mesmo alívio que ele sentia agora, por saber que aquele assunto mal resolvido podia ser encerrado para sempre.

Embora, talvez ela não soubesse...

– Então você veio – falou ele de modo *blasé*, quando finalmente ela se sentou à mesa de toalha de linho branco e talheres de prata e o fitou. – E não parece feliz em me ver. – Ele gesticulou para o garçom sem tirar os olhos dela e pediu uma garrafa de vinho tinto.

– Como você me encontrou? – Sua memória continuava prodigiosa. Ele continuava a ter aquele aspecto de homem esperto, moreno e bonito que ela se lembrava.

Estava esforçando-se para não encará-lo mas não podia evitar. O homem tinha boa aparência. O rosto era mais angular e majestoso do que ela recordava, e aqueles olhos cinza-ão eram tão frios quanto um oceano no inverno.

– Foi muito difícil – admitiu Leo com frieza. – Você tentou me enganar de propósito ou tal atitude é sua segunda natureza? – Uma forte onda de raiva o dominou agora, fazendo-o virar o cálice e sorver o vinho de um só gole.

— Esta é a razão pela qual você veio aqui me encontrar? Para descobrir por que... por que desapareci?

— Aparentemente toda sua família morou em Boston — disse ele —, mas por mais peculiar que isso pareça, minha procura logo terminou naquela cidade, sem sucesso. Então havia sua formatura em direito em Harvard. Ninguém lá jamais ouviu falar seu nome.

Ellie corou fortemente.

— Você não tinha o direito de ficar bisbilhotando minha vida.

— Nem deveria ter feito qualquer tentativa para isso — informou ele friamente —, mas ambos sabemos por que estou aqui, certo?

— Sobre o que você está falando? — Um pânico estranho tomou conta do coração de Ellie e ela se perguntou se ele, de algum modo, tinha descoberto sobre William. Teria descoberto? Teria vindo para reclamar seu direito sobre o filho? E o que ela iria fazer se a intenção dele fosse realmente essa?

CAPÍTULO CINCO

Ellie tentou acalmar os pensamentos, agora quase fora de controle.

– Mesmo com detetives trabalhando para mim, provavelmente jamais descobriria seu paradeiro se não tivesse visto seu pequeno ato de coragem no jornal.

Pequeno ato de coragem.

Ele parecia tão paternalista quanto um pai reprovando o filho desobediente por roubar biscoitos da lata, mas os olhos estavam duros como pedras.

– *Você já foi a rica socialite de Boston com um diploma de direito debaixo de um braço e um balde de dinheiro debaixo do outro, gasto nas salas de jogo de Las Vegas. Faça-me um favor e não tente ser a garotinha inglesa com gosto por atos heróicos.* – Leo parou, dando ao garçom tempo para servir a ambos um cálice de vinho, e a ela, tempo para digerir suas palavras.

Na verdade não pretendia tratar do assunto daquele jeito e sim como um encontro necessário, depois do qual poderiam ambos voltar para suas vidas.

Mas de repente, o espectro da fraude que ela cometera aumentou diante dele e atrapalhou suas boas intenções. Que coisa, ele nunca fora enganado por ninguém em sua vida. Nem por colegas, adversários e principalmente por uma mulher.

– Os artigos nos jornais – disse, consternada – , você os viu. – Ellie tentou lembrar se tinha sido mencionado algo sobre William ou se os jornalistas haviam lidado

somente com o episódio em si, o tiro, a intervenção dela. Não dissera a nenhum repórter algo sobre sua vida particular, exceto que era solteira. E sem aliança na mão esquerda, suposições não foram feitas. Mas mesmo assim...

– Um artigo. – Leo sorriu escondendo a raiva. – Sua fama atravessou o oceano. E a advogada, socialite e rica herdeira foi transformada numa professora de uma escola secundária no centro de Londres. Pareceu-me que a única coisa verdadeira que você disse foi seu nome.

– O que foi que você leu? – Ellie percebeu que estava inclinando-se sobre a mesa, a linguagem corporal expressando o desespero em descobrir o que ele sabia. Então fez um esforço para recompor-se na cadeira.

A pergunta pareceu atingi-lo por alguns segundos e ele franziu o cenho.

– O que isso importa? – indagou ele impaciente. – O que interessa é que o artigo serviu ao meu propósito. Localizei você.

– Mas o que exatamente você leu? – insistiu ela.

– Que você foi a dona do dia. Um menino louco empunhando uma arma, uma sala de aula de crianças apavoradas e uma jovem e corajosa professora. E assim surgiu uma heroína local.

– Ele não é louco. – Ellie pigarreou e imaginou por que seu interlocutor não ia direto ao assunto e lhe dizia de uma vez que sabia sobre o filho. Talvez fosse um torturador de mulheres. – O menino estava sofrendo dos nervos por causa das provas – gaguejou ela quebrando o pesado

silêncio do homem à sua frente. – Nunca se soube se ele ia realmente usar a arma. Não contra mim, de qualquer modo. Tudo que fiz foi conversar com ele... Algu-mas vezes as pessoas precisam que você fale com elas...

A voz dela se perdeu. Pouco consciente de que o pom-
poso prato solicitado estava chegando à mesa, sabia apenas que havia pedido peixe ao molho de ervas e que seu cálice de vinho estava sendo enchido novamente.

– Mas você não veio aqui para ouvir uma explicação sobre o que eu fiz, veio? – sussurrou ela, entrelaçando os dedos sobre o colo, longe da vista dele.

– Certíssimo. Não vim. – Leo empurrou o envelope na direção dela. – Vim aqui por causa disso...

CAPÍTULO SEIS

Ellie não sabia.

Leo sentiu que ela não sabia de nada ou nunca teria fugido daquele quarto. Observando agora as expressões mutantes no belo rosto à sua frente, a suspeita havia se concretizado.

Ela estava chocada, parecendo que ia desmaiar. Quando cambaleou, ele automaticamente esticou as mãos para segurá-la, mas Ellie as afastou e voltou a se acomodar na cadeira.

– Não – sussurrou ela, erguendo os olhos para ele e então examinando outra vez o documento à sua frente como se não estivesse muito certa que tal papel estivesse ali entre seus dedos trêmulos. – Não pode ser... não podemos...

– Pode e somos – disse-lhe Leo com certa crueldade.

– Não podemos ser casados. – A mente recusava-se a aceitar aquela revelação. – Não podemos ser... Eu saberia... Como poderia não saber? Eu saberia... Eu me recordaria...

Ele riu com indiferença, quase sentindo pena dela naquele estado de choque. E então lembrou-se que tinha se apaixonado por ela uma vez, apaixonado-se por aquele mágico e vulnerável lado que percebera há quatro anos e que fora persuasivo o suficiente para fazê-lo perder o autocontrole a ponto de contar a ela. Contar coisas que importavam. Sobre a perda de seu pai. Sobre o império que agora tomava conta.

– Do que você se recorda sobre o que aconteceu? – perguntou ele, quase inconsciente da comida sendo colocada à sua frente e dispensando o solícito garçom com um simples olhar.

Ellie fitou o agressivo estranho à sua frente e tremeu.

– Você mudou – murmurou ela, colocando um pedaço de peixe na boca e não sentindo gosto de nada.

– É claro que mudei. Já se passou quatro anos! – A observação dela havia emergido como uma crítica e isso o irritou, fazendo-o retrucar com frieza: – Você mudou muito mais. Agora ensina crianças na escola.

– Por favor, não continue me lembrando de... de...

– Sua ilimitada capacidade para mentir? – insinuou ele com destreza e notou que ela corou, perdendo a palidez.

– Não posso acreditar...

– Por que você mentiu para mim? – Pronto, estava dito.

Ellie deu de ombros e o fitou diretamente, para em seguida arrepender-se. Quando os olhares se cruzaram, um forte latejar atacou-lhe têmperas. Não importava o que tinha dito sobre a mudança dele. Uma coisa havia permanecido a mesma. Leo estava tão convincente como sempre. Até mais. Seu primeiro e único amante. Seu corpo inteiro agora latejava como se, de repente, lembranças agudas tivessem invadido-lhe a mente. Fechando os olhos, tentou afastar aquela imagem indesejável e intrusa.

– E importa agora saber por que menti? O que importa é que...

– Não importa, mas eu ainda exijo saber.

– Você *exige*? – provocou ela.

– Gostaria de saber. – Leo respondeu bruscamente e, pela primeira vez desde que ela tinha chegado, viu a sombra de um sorriso aflorar na face feminina. Com irritação afastou a lembrança.

– Bem, parecia divertido na ocasião. A coisa toda foi... divertida, e eu estava desesperada por diversão. – Ellie colocou a faca e garfo sobre o prato de comida não terminado. – Sinto muito. Não estou com muita fome.

– Pedirei a conta. Iremos a algum lugar um pouco menos... formal, para continuar nossa conversa. – Quando viu um lampejo de pânico no rosto dela, contraiu a boca. – Ainda temos que resolver essa confusão, portanto outra fuga não é uma opção.

Não agora que ele a encontrara, e especialmente não agora nessa conjuntura de sua vida, com Caroline pairando nos bastidores, toda a dinastia Hoffberg empenhada e pronta para cimentar a união da década...

CAPÍTULO SETE

Estava gelado do lado de fora. Frio e vento. Ellie apertou o casaco em volta do corpo e afundou-se no banco traseiro do táxi, aliviada.

– Onde estamos indo?

– Para o meu hotel.

– *Seu* hotel? – Ela arfou, olhando para Leo horrorizada. Na verdade, horror de que ele ficasse tentado a recordá-la de quão ardente e dócil ela fora na última vez que se encontraram.

– Não o meu quarto de hotel, Eleanor e sim o meu hotel. É grande, moderno e tem mais do que um bar à disposição dos hóspedes e visitantes. Acho que não seria nada agradável perambular por Londres nesse tempo horrível procurando por um bar vazio.

– Certo. – Ela ajeitou-se novamente no banco de couro e suspirou. – Por Deus, devo ter bebido uma quantidade enorme de drinques na noite que nós...

– Na noite que nos casamos? – A relutância dela em aceitar o desagradável fato que estava escancarado na frente de ambos, começou a irritá-lo. Alguém pensaria que estar casado com ele era um destino pior que a morte. Imagine então se ela estivesse na sua situação, com uma noiva na porta da igreja e uma reputação que seria atacada caso a verdade emergisse.

– Você me contará o que aconteceu? A última coisa que, na verdade, recordo é estar dançando e rindo e depois entrando num carro, que imagino ter nos levado para o hotel.

Leo olhou para aquele perfil feminino, a delgada linha do pescoço, as palmas das mãos voltadas para cima descansando no colo. Então seu olhar pousou mais alto, onde o casaco agora permanecia aberto e na escuridão do táxi podia-se adivinhar a firmeza dos seios sob o fino vestido de lã que ela estava usando. Ele desviou o olhar abruptamente.

– Certo por um lado, errado por outro – disse ele. – Depois de duas garrafas de champanhe, pusemos em nossas cabeças que deveríamos nos casar.

Desta vez, Ellie não olhou para ele. Não podia lembrar-se das circunstâncias, mas tinha certeza que podia recordar-se do sentimento que os acompanhara. O sentimento que estivera entre eles, que eram feitos um para o outro. O demoníaco álcool tinha muito o que responder por isso.

– Casar em Las Vegas é algo que alguém pode fazer no estímulo do momento – continuou ele. – Sem necessidade de exames de sangue, sem ter de esperar. É tudo aberto em todas as horas do dia. Pelo preço elevado de noventa dólares, conseguimos uma licença e corremos em direção ao casamento. – Ele riu. – Você estava muito fora de si para aproveitar a experiência.

– Era como estar numa montanha-russa. – Ellie comentou aquilo, sentindo-se infeliz. – O mundo inteiro girava e nada parecia real no momento. – A realidade estabeleceu-se muito em breve, todavia, quando ela tinha retornado para a Inglaterra, para a pequena casa que herdara na morte do pai, e com a perspectiva da iminente maternidade.

Seu pequeno segredo. Sentia-se mal só em pensar em lidar com ele.

– Você fugiu.

– Tive de fugir.

– Importa-se em explicar por quê?

– Foi apenas diversão para nós.

– Apenas diversão... – Não tinha sido *apenas diversão* para ele, Leo percebia agora. Pela primeira vez na vida tombara suas defesas, tinha permitido que suas emoções lhe governassem a cabeça e não estivera tão bêbado na ocasião que não soubesse o que estava fazendo. Casando-se. Mas Deus, pensou com raivosa percepção, quisera isso. Quisera casar com ela. Mas depois de apenas algumas horas em sua companhia, Ellie fugira.

A raiva de si mesmo transformou-se numa generalizada raiva dela. E Caroline, com sua soberba beleza loira e seu dinheiro, desapareceu como um seixo sendo carregado pela correnteza do rio. Aquela ninfa morena que ficou tão mortificada ao descobrir-se ligada a ele por uma certidão de casamento nunca desaparecera de sua cabeça. Mas desapareceria.

E ele sabia como...

CAPÍTULO OITO

O bar era tão impessoal quanto Leo tinha prometido. Ficava no subsolo do hotel, tinha uma iluminação difusa, o que era bom, e um ambiente que proporcionava intimidade, o que não era tão bom, e não muito lotado, o que era essencial. Ellie estava se sentindo um pouco exasperada na presença dele, mas talvez não fosse pelo homem em si, pensou, e sim por causa das circunstâncias extraordinárias daquele encontro e da agonia de seu próprio pequeno segredo.

O fato era que seu corpo não estava se comportando da maneira como deveria. Leo parecia estar emanando alguma espécie de carga elétrica letal, que fazia todas as veias de seu corpo pulsarem.

Atenta, observou como ele se dirigiu ao bar para pegar os drinques e então baixou os olhos quando o viu retornar oscilante em direção à mesa, que ficava à parte das centrais.

– Então – disse Leo, segurando os cálices de vinho que ela não tinha pedido, e sentando-se à sua frente.

– Eu pedi suco de laranja.

– Você estava me dizendo por que mentiu para mim.

– Não pode deixar isso passar, pode?

– Nunca mentiram para mim até a ocasião.

– Nunca? Que vida protegida você deve levar. – Os olhos pousaram no sorriso de puro charme que alterou a arrogância rude até então estampada no rosto dele.

– Presa fácil para uma mulher como você. – As

palavras eram quase provocantes, o que não podia ser verdade, considerando a confusão estabelecida entre eles agora.

– Nenhum diploma de advogada – disse Ellie tomando um pequeno gole de vinho e com cuidado depositando o cálice na mesa redonda. – Nem pais ricos. Nada de Boston, na verdade. – Ela suspirou profundamente. – Eu estava tão triste na ocasião. Tinha perdido minha mãe no ano anterior e meu pai havia falecido uns quatro meses antes de eu ir para os Estados Unidos. Eu era muito... muito ligada aos meus pais. Não estava pronta para a morte deles. – Esfregando os olhos com os polegares, deu outro suspiro profundo.

– Eu entendo.

Ellie não queria compreensão. Isso complicava as coisas, transformava seu segredo num segredo culposos, mesmo porque não pôde localizá-lo quando descobriu a gravidez.

– Você apareceu e fez com que eu me sentisse uma princesa, então me transformei em uma. Criei alguém interessante, livre e radiante, e me fiz rica porque achava que você não iria se interessar por alguém que fosse muito pobre, alguém que fosse apenas uma professora auxiliar numa faculdade e estivesse planejando ensinar crianças numa escola não muito longe da casa que viveu desde a infância. Isso seria muito tedioso para você, então me transformei em alguém interessante. Precisando fugir da minha realidade por algum tempo, assim fiz. Nada mais simples.

– Sim, faz sentido.

O sorriso de Ellie foi alegre, mas frágil, e os olhos tão honestos que ele não pôde deixar de acreditar no que ela tinha acabado de lhe contar. Aquela era a razão pela qual se apaixonara. O que não queria dizer que ela não tivesse arruinado sua vida de uma maneira ou outra.

– Suponho que você esteja furioso – disse Ellie esperando pela cólera dele, contra a qual podia lidar melhor do que contra a compaixão muda que ele vinha lhe mostrando.

– Furioso não. Estou impressionado com suas habilidades e performances. – Havia frieza na voz dele. – Suponho que você ensine arte de representar no teatro, acertei?

– Ensino literatura e geografia. – Ele a estava fitando com firmeza e a intensidade daquele olhar a fez sentir-se de repente volúvel. Alguma coisa ali havia mudado e ela não sabia o quê. Sabia apenas que tinha que escapar antes que... antes de quê?

Antes que alguma coisa acontecesse... Alguma coisa que não tivesse condições de deixar de acontecer...

CAPÍTULO NOVE

– Então, como... como conseguimos um divórcio? – As palavras soavam um pouco irrealis. Lá estava ela, num casamento do qual não podia lembrar-se, embora algumas coisas começassem a despontar na mente como pedaços de um quebra-cabeça vagarosamente se juntando, e com um filho sobre o qual o marido não tinha idéia. Marido e mulher. Jocosos, inquietantes, amedrontados.

– Ainda não cheguei nesta parte – admitiu Leo, inclinando-se para frente, descansando os braços nas coxas, fechando o espaço entre eles. Sedução estava acenando para ele com a mão do Destino. Apaixonara-se por ela. E então fora tratado como uma brincadeira terapêutica, uma cura passageira para os problemas dela. Agora uma situação precisava ser resolvida e ele nunca fugiria de situações problemáticas. Oh, não. Não estava em seu sangue. Caroline era um arranjo, mas isso era um velho assunto. Lidaria com isso.

– Precisamos voltar para Las Vegas? – Ellie mordeu os lábios preocupada. – Eu não poderia fazer isso. Meu trabalho. Além do mais, simplesmente não tenho dinheiro. – Sem mencionar o problema do filho deles, o filho que ele não sabia nada a respeito. Suspirando, sentiu-se desanimada.

– Oh, não acho que seria necessário. – Ele pegou a mão dela e a apertou com delicadeza, mas Ellie puxou o braço.

– O que você está fazendo!

— Nós tivemos bons momentos juntos, não tivemos? — murmurou ele. — Você teve muitos outros amantes depois de mim?

— Preciso ir...

— Por quê? Agora que nosso pequeno problema está exposto, qual a razão de não podermos conversar como dois adultos? Além do mais, tenho ainda algumas perguntas para fazer.

— Que tipo de perguntas?

— Por que você fugiu daquele jeito?

Ellie podia sentir a presença masculina envolvendo-a até que quase não pudesse respirar. Ele parecia estar, de alguma maneira, cada vez mais perto dela. Os joelhos estavam praticamente tocando os seus e os dedos ainda estavam formigando pelo rápido contado da mão dele. Leo, outra vez, pressionou-lhe a mão de modo hipnotizador.

— Eu... — Ela se recordou das risadinhas de quando estiveram juntos, assinando o nome, olhando para ele com adoração e do rosto másculo e bonito sorrindo-lhe de volta. Pensava ter apagado da memória, afastado as lembranças, mas agora imagens estavam voltando de algum lugar escondido. — Você não entenderia. — A voz era suplicante.

— Por que não? Tente.

De repente, não parecia mais tão importante não contar a ele. Afinal o homem fazia parte de sua história agora.

Contar sobre William era outra coisa, algo que falaria no devido tempo.

— Eu não era a espécie de garota que você pensou que

eu fosse. Como já disse, foi tudo um jogo, um pouco de diversão. Eu estava apenas desempenhando um papel. Mas quando voltamos para o hotel, bem, eu não estava mais fingindo e... Sei que isso parece ridículo, mas eu tinha 21 anos e nunca havia estado na cama com um homem.

Leo a fitava com crescente incredulidade.

– Você era virgem – disse, espantado.

– Psiu! – Ellie olhou ao redor e baixou o tom de voz, corada pelo constrangimento. – Você não sabia? Não imaginou? Não olhou para os lençóis, presumo.

– Não, não houve indicação. Uma virgem... – A necessidade de tocá-la, senti-la, intensificou-se como uma dor crescente. – E agora? – murmurou ele. – Você se guardou para quando eu voltasse?

CAPÍTULO DEZ

Ellie o fitou longamente. Quando falou, tentou parecer divertida e casual, mas podia ouvir o tremor na própria voz.

– Não seja ridículo! Nunca esperei que você voltasse a me procurar! Estou espantada que tenha se lembrado do meu nome.

– Você era minha mulher.

– Sim. Percebo isso agora, mas não sabia. Deixei tudo para trás. – As palavras pareciam embaralhar-se, menos porque a mente estava confusa e sim pelo modo que Leo a estava olhando. E pela maneira louca que seu corpo estava respondendo a ele. Como se tivesse retrocedido no tempo e estivesse, uma vez mais, vendo-o através dos olhos da garota ingênua que uma vez fora.

– Fui sua mulher uma vez?

– Sim, foi. E aqui estou. Portanto, diga-me, houve outros homens?

Ellie capitulou sem palavras e em silêncio.

Outros homens? Ela se viu sacudindo a cabeça. Não, somente ele. O ambiente estava pesado com palavras não ditas e muito vagorosamente ela estendeu a mão, de modo incontrolável, compelida a tocar aquela pele, sentir o calor queimar seus dedos.

Os lábios estavam levemente entreabertos quando a mão trêmula roçou a face dele. Leo sentiu uma explosão de desejo tomar conta de seu corpo todo com a fúria de um ciclone quando a viu inclinar-se em sua direção.

E lutou para lembrar-se que estava noivo, que aquele encontro era um acerto de contas, mas...

– O que você acha que isso seria? Reviver os velhos tempos... Ver se realmente éramos bons juntos. – Ele ouvia a própria voz dizendo coisas que estavam em sua mente, mas que deveriam ter sido censuradas pela razão.

Tomando a mão dela, acariciou a pele macia da palma com o polegar. Nenhum pensamento em Caroline. Pensava sim no perfeito encaixe da união sem amor deles dois, e não poderia lutar contra a ferocidade do que estava sentindo ali, agora.

Virando o pulso dela, beijou-lhe a pele macia e a sentiu trêmula. Aquela resposta acendeu a necessidade em seu interior.

– Isso é loucura – sussurrou Ellie. E era loucura, não era? O homem era uma parte de sua história agora... E ela estava sentindo alguma coisa mexer em seu interior, uma percepção aguda de que jamais o esquecera. Por que, depois dele, nenhum homem nesse tempo todo a tinha atraído? Por que não fora capaz de rir com eles, conversar com eles, sem nunca querer ser tocada por nenhum? Todavia ali estava ela, perdida de desejo depois de poucas horas passadas com Leo.

– Preciso ir para casa agora. – Ela não podia tirar os olhos daquele rosto à sua frente. – Você pode entrar em contato comigo sobre a situação. Assinarei o que quer que precise para a anulação.

Leo a fitou através de seus cílios escuros, viu a boca trêmula, sentiu o pulso acelerado, então soube que ela

estava sentindo o mesmo que ele. Naquele átimo de instante, quando deveria estar sendo racional, a mente voou em direção a um destino que nunca soube que quisesse tanto... até agora.

– Sua casa? – A voz era trêmula e a idéia de dormir com ela o encheu de desejo.

– Preciso ir. – Pensamentos em William dormindo tranqüilo se sobrepuseram ao cérebro confuso.

– Você quer ir para casa sozinha? Está tentando convencer a si mesma ou a mim? Por que não a deixo em sua casa? Qual o problema?

– Não! – Ellie entrou em pânico apesar de estar dominada por tão poderosa atração. Não podia suportar agir daquele jeito, incapaz de pensar claramente. Tinha muito a proteger. Mas...

– Tenho um quarto neste hotel, Ellie. Uma suíte.

– Não diga isso!

– Por quê? Você está tremendo. Por minha causa.

A voz dele apesar de grossa, soava como um suave gemido. Ellie inclinou-se e capturou-lhe a boca na sua, oferecendo-se livremente, num gesto que tinha de fazer, mas sabia que mais tarde iria se lamentar.

CAPÍTULO ONZE

Ellie podia sentir o coração batendo violentamente quando eles entraram no elevador. Os braços de Leo ainda estavam em volta de seus ombros, e seus dedos entrelaçados aos dele. Pareciam um casal normal, apaixonado.

Era assim que ela se sentira quatro anos atrás? A diversão transformara-se em algo mais profundo? Não podia pensar nisso agora, não quando as portas do elevador estavam abrindo e Leo a estava conduzindo em direção a uma porta, passando o cartão magnético usado pelo hotel no lugar de chaves, e então fechando e trancando a porta.

Então as mãos dele estavam em todos os lugares. Antes mesmo de alcançarem a enorme cama de casal que ela pôde apenas entrever através da porta do quarto, suas costas foram prensadas contra a parede. E os olhos estavam fechando enquanto lidava com o cinto dele, ajudando-o a atirá-lo longe. Um obstáculo a menos entre o eventual toque de pele contra pele.

A lã macia do vestido mais parecia uma armadura de ferro. Não podia mais esperar para se libertar das roupas.

E Leo não podia esperar para libertá-la. Libertou-se também do domínio e do autocontrole que normalmente usava no ato de fazer amor. No lugar, ânsia e desejo o faziam tremer. Ele pegou no zíper do vestido e o puxou para baixo até que o sutiã de renda estivesse em suas mãos e boca, desnudando os seios divinos.

Fazia tempo que ele não sentia um desejo tão ardente por uma mulher.

A atração era tanta que todos os sentidos estavam exacerbados, deixando-o desvairado, mais parecendo um louco.

Leo deslizou as tiras do sutiã e gemeu enquanto os olhos regalavam-se com a curva dos seios e os mamilos enrijecidos que imploravam por sua boca.

Com um fácil movimento, ergueu-a e carregou-a para o quarto. Então, deitando-a na cama, observou-a fitando-o enquanto livrava-se por ele mesmo das próprias roupas.

Era muito gratificante vê-la admirar-se à vista de sua masculinidade, agora em total excitação. Ele também não estava conseguindo extinguir o furor do desejo que irrompera através de suas veias como água arrebentando o dique.

– Não sei o que você está fazendo comigo... – Ele gemeu, dirigindo-se para cama, para o corpo divino ali estendido, e a despiu do vestido e da calcinha. – Eu vim numa missão...

Tinha de tocá-la. Em todo lugar. Seios, boca, barriga. Os dedos encontraram a umidade entre as pernas femininas, e com toques eróticos roçou-lhe a intimidade até que ela estivesse gemendo e gritando. Os dedos, então, não mais eram suficiente.

Fazer amor nunca fora tão bom. E após o ato, ficar deitado com uma mulher como Ellie era como postergar um estado de êxtase.

Ellie suspirou e virou de lado colocando-os face a face, os seios espremidos contra o peito largo e poderoso. As pernas de ambos entrelaçadas sob o lençol.

– Bom? – Ele olhou para ela e ergueu a mão para afastar uma mecha de cabelos, solto sobre o rosto.

– Você não vai querer que eu massageie seu ego admitindo que foi fantástico, vai? – provocou ela. Quando ele lhe sorriu, Ellie se sentiu envolta num calor abrasador.

Como poderia não confessar sobre William? Como poderia não lhe contar que era pai de uma criança que parecia fantasticamente com ele, o mesmo sorriso, o mesmo formato de olhos?

Ela pigarreou e nessa fração de tempo em que tentava pensar em um modo de preparar palavras para dizer o que tinha que ser dito, o telefone tocou.

Leo ergueu-se na cama com o braço ainda a envolvendo, e pegou o telefone.

Então sentou-se. Ellie também se sentou, atenta à tensão sobre os ombros dele e ciente que algo havia acontecido.

CAPÍTULO DOZE

Ciente de que Ellie o estava observando pelas costas, Leo jogou as pernas para fora da cama e falou ao telefone com suavidade. Tinha dormido com ela e se deliciado com cada segundo do ato. Deveria estar se sentindo o maior culpado do mundo naquele momento, com Caroline do outro lado da linha. Mas não estava.

– Como você soube onde eu estava? – perguntou em voz baixa. Sem olhar para trás ou se importar em proteger sua nudez, encaminhou-se para a saleta de estar adjacente ao quarto.

– Bem, Antônio não me diria, e isso tudo está parecendo tão... *misterioso*. – Contudo, Caroline não parecia em estado de suspense com o mistério. Parecia furiosa. – Em caso de você ter se esquecido, deveríamos estar passando o fim de semana com meus pais e os Robinson. Mas isso será muito difícil agora que você não mais está nem mesmo no país.

– Como você soube onde eu estava? – repetiu ele. Caroline fora a conclusão normal de um relacionamento que tinha começado há oito meses através de uma artimanha dos pais dela, ávidos para vê-la casada com alguém rico e poderoso o suficiente para manter seu dispendioso estilo de vida. Ele pagara a conta e ela, por seu lado, adaptara-se a ele.

A voz dela rangia nos ouvidos através do telefone e Leo estava bem ciente da criatura nua e apaixonada que o estava esperando no quarto, esperando por suas mãos para tocá-la, para acendê-la uma vez mais.

– Você está... o quê? – A mente não registrara o que ela tinha acabado de dizer, e isso ficou muito claro agora.

Caroline, na sua primeira interrupção de vida social agitada, com seus almoços, massagens, manicures e compras somente nas lojas mais caras, viera para Londres. De repente Leo sentiu-se imensamente irritado.

Não a queria ali.

Melhor, não a queria, pensou.

O que, por Deus, havia de errado com ele! O rosto estava rígido quando voltou para o quarto cinco minutos depois da ligação. Meus Deus, ela parecia deliciosa para ser devorada, sentada ali na cama com os joelhos dobrados e o lençol puxado, cobrindo os seios.

– Qual o problema?

– Peço desculpas mas você vai ter que ir embora.

Ellie não disse nada. O estranho com expressão zangada estava de volta e todo ardor que ela sentira, a certeza de que lhe contaria a absoluta verdade da situação deles, desapareceu como por encanto.

– Certo.

– Não olhe para mim desse jeito – murmurou ele, passando os dedos através dos cabelos.

– Não o estou olhando de jeito nenhum. Não é porque você fica esplendoroso na sua nudez masculina que eu deva olhar, estou certa?

– Você sabe que eu... preferiria que ficasse. – Mas ele já estava vestindo a cueca, andando pelo quarto com uma espécie de energia incansável que a fez imaginar que maldito telefonema fora aquele.

Negócios? Problema no escritório? Isso importava? Tinha dormido com ela e agora estava pronto para dispensá-la de tal modo que pudesse voltar à vida normal.

O coração estava batendo rápido quando obedeceu a ordem de Leo e vestiu-se em tempo recorde, não se importando com as ligas, que jogou dentro da bolsa. O silêncio era sufocante.

– Preciso vê-la novamente – disse Leo, fechando o espaço entre eles e agarrando-a pelos braços. – Não planejei que isso acontecesse.

– Devo ficar lisonjeada ou insultada? – perguntou Ellie com frieza na voz.

– Temos algo para resolver.

– Sim. – Ela agarrou o casaco e o olhou furiosa. – O pequeno assunto do nosso divórcio. Mande-me os papéis necessários que assinarei, Leo. Não há necessidade de pormos os olhos um no outro novamente.

– Entrarei em contato.

– Você tem o número do meu telefone. Use-o. Não quero vê-lo outra vez. Duas vezes foi o suficiente.

CAPÍTULO TREZE

Leo e Caroline encontraram-se para o café da manhã no restaurante do hotel. Ela ainda estava colérica. Algumas horas de descanso após a viagem de avião não adiantaram nada para acalmar-lhe o mau humor, notou ele sem muito interesse. Caroline não estava acostumada a desistir de seus planos por ninguém, e viajar para Londres atrás dele era uma mudança de planos que a aborrecia sobremaneira.

A esperteza dela em descobri-lo em Londres, fora providencial para ele, facilitando as coisas a serem ditas. Com toda certeza ela ficaria mais furiosa do que estava quando ouvisse o que ele tinha a lhe dizer. Por mais maravilhoso que o arranjo comercial que o casamento deles seria, não o queria mais. Sabia agora que uma paixão, acrescida da ânsia animal que vira a vida de cabeça para baixo, eram ingredientes vitais para o sucesso de um casamento, com toda certeza. E todos aqueles velhos sentimentos estiveram somente descansando até então. Podia ser loucura, mas era verdadeiro.

– Caroline. – Ele a interrompeu em tom de voz tranqüilo.
– Isso não vai funcionar.

Pela primeira vez desde que ela irrompera hotel adentro, Leo viu uma ponta de alarme desfigurar aquelas feições bem proporcionadas.

– Sim, você está certo, meu querido. – Quando ela inclinou-se para frente, os cabelos loiros mantidos impecáveis de modo dispendioso, Leo instintivamente

recuou. – Estou me comportando muito mal. Portanto vamos esquecer qualquer explicação do por que você estar aqui e vamos nos divertir um pouco. – Ela sorriu recatadamente. – Talvez escolher uma aliança? Que melhor lugar do que a maravilhosa Londres?

– Você parece não ter ouvido.

Desta vez o alarme disparou com toda potência.

– Está acabado entre nós. Eu não a amo, nem você me ama.

É claro que aquilo não podia terminar ali. Nos sonhos dele, talvez, ela elegantemente permitiria que ele partisse, mas não permitiu. Seguiu-o de volta ao quarto do hotel, recusando-se ao luxo de recuar perante uma situação que ele causara, estupidamente.

– O que exatamente está acontecendo aqui, afinal de contas? – perguntou ela estreitando os olhos azuis glaciais.

Leo corou. Só a queria fora dali, queria pegar o telefone e ligar para Ellie. Apenas a perspectiva de ouvir as suaves modulações da voz dela o preencheu com um sentimento de anseio e desejo.

E tinha um trabalho para fazer. Tinha que se desculpar e esclarecer a razão de ter sido forçado a pedir que ela fosse embora, sem nenhuma explicação.

– Nada está acontecendo – mentiu ele. – Eu precisava pensar, por isso vim para cá. Um lugar onde meu rosto não é conhecido. E agora vou tomar um longo banho. Quando voltar, Caroline, não quero que esteja mais aqui. Já dissemos tudo que tinha que ser dito.

– E o que devo fazer? Contar a todo mundo? Meus pais? Amigos? Dizer que a festa acabou?

Leo deu um passo para frente, a expressão fria. Era o suficiente.

– Você pagará por isso, Leo – disse ela, tropeçando ao dar alguns passos para trás. Mas para ele, a conversa chegara ao fim. Voltando-lhe as costas, dirigiu-se ao banheiro e bateu a porta atrás de si com um estrondo.

Tão logo calculasse que Ellie estava de volta da escola, ligaria para ela, atiraria o orgulho ao vento e faria tudo que fosse possível para convencê-la a vê-lo outra vez.

Quatro anos atrás e no espaço de somente algumas horas, ela grudara a pele à dele e se mantivera ali. Dormir com ela uma vez mais não o tinha curado de nada. Somente avivara seu desejo.

As coisas não haviam funcionado do modo que ele esperara...

CAPÍTULO CATORZE

Ellie ouviu a campainha da porta somente minutos depois que chegaram em casa. O coração disparou no peito.

Não queria que fosse Leo, mas ao mesmo tempo esperou desesperadamente que fosse. Haviam se separado com raiva e isso não era certo. Este era o pensamento que tinha tomado conta de sua mente traiçoeira e se recusava a sair de lá.

Além do mais, havia o problema de William. Tinha passado o dia inteiro pensando nisso, ruminando o assunto como um cachorro com um osso, e não sabia o que devia fazer.

É claro, deveria contar a Leo. Sabia onde ele estava hospedado. Apenas um telefonema resolveria o assunto.

Mas então a idéia de fazer aquilo aumentava ainda mais a raiva, isso sem mencionar as complicações que adviriam da revelação de seu segredo. Resolveu então apagar da mente a resolução. Se fosse ele batendo à porta então teria que contar.

Abriu a porta na expectativa de vê-lo e acalmar o coração, mas ficou boquiaberta em estado de confusão.

– Você deve ser Eleanor James.

– Quem é você?

– Posso entrar? – Caroline não esperou por resposta e foi entrando. – Você deve estar se perguntando o que estou fazendo aqui – disse ela, observando a sala. *Casa pequena. Muito inexpressiva. Mas a garota tinha alguma coisa... interessante.* – Vamos apenas dizer que

consegui achar seu nome e endereço em uma certa agenda eletrônica que estava jogada numa certa penteadeira.

Ellie levou alguns minutos para se recuperar do estado de perplexidade e recordar-se que aquela era sua casa e quem quer que fosse a bonita loira de pé na sua sala, vasculhando o ambiente com expressão de desprazer e repugnância, era ela a intrusa e quem deveria responder as perguntas.

– Quem é você e o que está fazendo aqui? – Cruzando os braços sobre o peito, enfrentou a mulher sofisticada, que finalmente pareceu se preocupar em registrar sua presença.

– Peço desculpas. Caroline. Caroline Hofberg.

– Bem, srta. Hofberg, não sei o que está fazendo aqui, mas gostaria que saísse.

– Oh, estou certa que você não gostaria. Não ainda. Não até ouvir o que tenho a dizer.

Ellie sentiu um misto de espanto e apreensão.

– Você pode não ter ouvido falar de mim, mas imagino... já ouviu falar de Leo Smith? Ah, sim. Posso ver pela sua expressão que ouviu. Suponho que ele não tenha mencionado minha pessoa, acertei? – O sorriso era uma máscara de rancor. – Não muitos homens sentem-se livres para discutir suas noivas com a amante.

– Noiva?

– Isso mesmo. E aqui está o anel de noivado para provar.

– Caroline estendeu brevemente a mão direita. – Uma pergunta... há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Por favor, saia da minha casa. — Mas o tom de voz não foi convincente. Ellie gostaria que um buraco se abrisse no chão e engolisse a víbora de pé à sua frente. Ele dormira com ela, fizera amor com ela, e ia casar-se. Tudo aquilo fazia sentido agora. A ansiedade dele por resolver o problema do divórcio, a ligação telefônica que recebeu, a pressa de que ela saísse da suíte. Ellie se sentiu mortificada.

— Há quanto tempo? — insistiu Caroline.

— Não há nada entre nós. — Ellie gaguejou. — Sim, eu o conheço, mas não punha os olhos nele há quatro anos. Na noite passada foi a primeira vez que o vi desde então.

— Realmente. — Ela parou, olhando por trás de Ellie que acompanhou seu olhar, aterrorizada, para onde William apareceu vindo da cozinha, puxando um caminhão de brinquedo.

— E quem é ele? Não, por favor, deixe-me imaginar.

CAPÍTULO QUINZE

As coisas não poderiam ficar piores, poderiam? Com uma olhada para William, Caroline identificou a significativa semelhança com Leo, e deu um tiro no escuro, imaginando o segredo que Ellie guardava a sete chaves.

– Muito bem! Então esta era a razão por que Leo de repente veio para cá. Você o contatou? Tentou chantagem para cima dele? Oh, queridinha, isso deve tê-lo excitado.

– Ela riu com malicioso deleite das implicações que se estendiam à sua frente como um rio de possibilidades.

– Não fiz nada desse tipo – ofegou Ellie. Pegando William no colo, abraçou o filho carinhosamente. – Agora vá – disse à Caroline.

– É claro. Não gostaria de ocupá-la por mais tempo. – O sorriso ainda estava lá, prometendo todos os tipos de dano, enquanto a víbora caminhava em direção à porta da frente. – Bem, preciso dizer que Leo e eu não somos mais o casal dourado de contos de fadas de Nova York, mas... – Ela abriu a porta levemente, enquanto continuava a direcionar a Ellie seu malévolos olhar. – Se o nosso relacionamento chegou mesmo ao final, então eu não poderia ter imaginado um modo mais dramático das coisas acabarem.

– E de que modo deveria ser? – A voz que assustou ambas era suave, perigosa, e muito masculina. E deixou Ellie tão paralisada que sentiu os braços tremerem convulsivamente em volta do filho.

– Vá para a cozinha, querido – suspirou ela, colocando William no chão, enquanto Caroline e Leo trocavam palavras que ela podia imaginar. – Brinque com seus caminhões por enquanto e mamãe lhe dará um chocolate quando voltar.

Quando endireitou-se, os olhos percorreram em pânico o rosto de Leo. O que Caroline teria dito? Teria contado a ele? Certamente não tivera tempo suficiente para causar total estrago.

Mas então pôde ver a resposta. A expressão de Leo era tranqüila, mas é depois da tranqüilidade que vem a tempestade.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ela finalmente.

– Alguma coisa para me contar, Ellie? – Leo deu alguns passos para mais perto dela. – Espero que não. Sinceramente espero que o que Caroline acabou de dizer seja nada além de palavras de uma mulher despeitada.

Ellie fechou os olhos e suspirou.

– Eu... Eu ia lhe contar – murmurou ela.

– Ia me contar o quê? – Leo deu mais alguns passos. Agora estava diretamente na frente dela. Ellie podia sentir a respiração dele, o cheiro indefectível, limpo, masculino, e que a fazia querer cair no infinito.

– Quatro anos atrás... naquela noite. – O silêncio era total. William estava obviamente fazendo o que ela lhe dissera com a promessa de ganhar um chocolate por bom comportamento.

– Fizemos um filho – disse ele.

A declaração fria acertou-a como uma flecha, e ela assentiu.

– Tive um filho e este fato era tão sem importância que você decidiu conservá-lo somente para si mesma. – A boca era uma linha rígida e ela podia dizer que ele estava tentando manter o ódio sob controle.

– Você não entende...

– Esclareça-me.

– Escute, este não é o lugar, nem a hora. – Ela olhou nervosa para trás por intuição. William lá estava na porta da cozinha.

Ela voltou-se para Leo, mas os olhos dele já não estavam mais nela, e sim voltados para seu filho, seu filho de cabelos negros que era uma deliciosa copia dele mesmo.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Desde o confronto no hall de entrada da casa de Ellie, o tempo passou num misto de confusão e tristeza. Não houvera chance para eles conversarem na ocasião, embora o olhar de despedida de Leo tivesse dito que teriam uma boa conversa muito em breve, e que ela não gostaria do que ele tinha a lhe dizer.

E agora, ali estava ela, apenas um dia depois, esperando na mesma sala de visita onde tinha observado Leo com o filho. Deixara William com Jenny e a conversa agora era apenas questão de minutos.

A campainha da porta soou, o que a fez empertigar-se na cadeira por alguns momentos, antes de caminhar com passos arrastados até a porta e abri-la.

– Entre.

– Olhe para mim – ordenou Leo quando ela lhe deu as costas, precedendo-o ao entrar na sala de visita. – Quando eu tiver esta conversa com você, quero ver todas as expressões do seu rosto.

– Se você pretende ameaçar-me, Leo, então vou pedir que vá embora.

Ellie tinha ensaiado na cabeça todas as possibilidades sobre a conversa que teriam e chegara à uma única conclusão. Não se deixaria intimidar por nada. Leo podia ser rico, poderoso e influente, mas não iria fazer nada que ela não quisesse. Como tomar William dela. Este pensamento passara pela sua cabeça como um aterrorizador pesadelo e deixara-a apreensiva.



– Você não está em posição de pedir nada – disse ele e começou a andar agitado pela sala, como se sua energia não pudesse ser controlada. – Então parou à janela e virou-se para encará-la com gélida aversão. – Por que você nunca me contatou para dizer que eu era pai de uma criança?

– Porque não pude.

– Não pôde? Ou não quis?

– Nunca soube seu sobrenome. Pelo menos, não pude me lembrar dele. Como disse, há muita coisa que realmente não pude me lembrar sobre aquela noite.

– Há sinceridade nisso?

– É a verdade! – gritou ela com os olhos faiscando de raiva. – E de qualquer modo, você teria gostado se eu irrompesse na sua vida e informasse que você ia ser um papai depois de fazer sexo uma única noite? – Ellie riu nervosamente. – Não posso imaginar você se atirando nos meus braços e pulando de alegria.

Desgostoso, Leo pensou que era bem possível que tivesse feito exatamente aquilo.

– De qualquer modo, não poderia ter lhe avisado, mesmo se quisesse. – acrescentou ela.

– E você quis?

– Quis o quê?

– Quis contar-me?

– Eu... – Ela fechou os olhos. – Nunca houve essa opção de querer ou não querer.

Ele desistiu.

— Certo, então vamos continuar com sua desculpa por um minuto. Por que razão você não me contou logo depois que a contatei? — Outra onda de raiva violenta fez com que ele esmurrasse com força o parapeito da janela, fazendo Ellie dar um salto. — Você pretendia dizer alguma coisa, afinal?

— E você pretendia me contar sobre sua noiva? — retaliou ela. — Ou era perfeitamente normal dormir comigo enquanto tinha outra mulher à sua espera?

Sob a camuflagem de ser uma acusação razoável, Ellie percebeu o quão ferida, zangada e perdidamente ciumenta fora.

— Isto é outro assunto.

— Ah, é? É um crime não ter lhe contado sobre William durante o jantar, mas é excelente para você fazer o que quiser sem qualquer medo de ser criticado?

— Isto não está nos levando a lugar nenhum — disse Leo friamente, saindo da janela para continuar sua impaciente ronda pela sala. — Pensei sobre a situação e decidi que há somente uma coisa a fazer.

CAPÍTULO DEZESSETE

Enquanto esperava qual seria a decisão que ele encontrara, a cabeça de Ellie quase estourou ao pensar em diversas possibilidades. Mas somente uma criou raiz, justamente a que mais lhe assustava nas últimas horas.

Leo queria tirar-lhe o filho. Vira o jeito que ele tinha brincado com a criança na véspera, viu também a ternura estampada no rosto másculo. Sabia agora que ele não renunciaria ao filho e nem pensaria duas vezes no impacto que uma criança causaria em sua vida organizada.

– Continuaremos casados. Não haverá nenhum divórcio conveniente e você retornará para os Estados Unidos comigo para assumir a posição de esposa e mãe do meu filho.

Por alguns segundos, Ellie se perguntou se havia ouvido corretamente. Então observou a expressão no rosto dele e percebeu que sim, ouvira certo.

– Como? Pode repetir, por favor?

– Você me ouviu muito bem. – Leo pegou uma foto de William e a olhou com enlevo, antes de recolocá-la na prateleira perto da janela.

– Você está louco!

– Louco? Na situação que estou, esta é a única solução que posso ver. – Ele caminhou até onde ela estava sentada, chocada e nervosa, e curvou-se, colocando as mãos sobre o espaldar da cadeira. – E não entendo sua oposição à idéia, considerando que se casou comigo há quatro anos, no calor do momento. Diria que desta vez há mais razão para que fiquemos juntos, pelo bem de nosso filho.

– Eu não sabia o que estava fazendo! Nós dois nos comportamos de maneira tola e irresponsável. Estávamos sob a influência da bebida e agimos com impulsividade.

– Digo-lhe isso agora, Ellie. Escute bem. Meu filho estará onde eu estiver. Não pretendo fazer o papel de pai ausente, nem pretendo me divorciar de você, portanto pode esquecer sua vida de mãe solteira que luta para viver. E não quero mais discutir este assunto.

– E o que você fará se eu recusar? – Ela se sentiu como se estivesse literalmente asfixiada, com o rosto dele tão agressivamente perto do seu. O impacto da proximidade era tão intenso que gerava quase como uma força física empurrando-a contra a poltrona.

– Lutarei contra você de todas as maneiras.

– Esqueceu-se que sou mãe dele, que ele passou a vida inteira morando aqui comigo, na Inglaterra? Você não pode comprar tudo com dinheiro, sabe disso.

– Ah, mas como pensa que ele se sentirá quando ficar mais velho e descobrir que a mãe lhe negou a oportunidade de estar com ambos os pais? O que será que ele vai achar quando descobrir que o pai estava disposto a tomar conta de vocês dois, mas que por puro egoísmo você decidiu dar as costas para a sugestão e carregar um menino desamparado, no seu trajeto de vida? Acha que ele a amará por isso? Talvez não...

– Você... você...

Os olhos dela brilharam com intensidade e vagorosamente a expressão dele mudou. Leo baixou o olhar, dando-lhe uma visão dos incríveis cílios longos. Quando

voltou a fitá-la, havia um doce, porém perigoso, sorriso em sua boca.

– Além do mais, não acha que a situação poderia não ser tão má como imagina?

Ellie ofegou quando Leo tirou uma das mãos do espaldar da cadeira para, de modo esperto, escorregá-la por dentro da gola da blusa dela e cobrir-lhe o seio nu.

Ela contorceu-se e, espantada, pôde sentir o calor traiçoeiro começar a percorrer seu corpo. Quando ele começou a esfregar seu mamilo entre os dedos, tudo que conseguiu fazer foi emitir um gemido.

Precisava refrescar a cabeça, mas agora não, pois o corpo já estava deslizando pela cadeira, preparando-se para o toque que sabia já estar almejando.

CAPITULO DEZOITO

O ato de amor foi tão afável como uma brisa de verão. Mesmo que Ellie tivesse consciência de que aquilo somente estava acontecendo por iniciativa de Leo para mostrar-lhe que se ela concordasse em viver com ele, como esposa, então poderia contar com uma vida sexual intensa.

Desabotoando-lhe a blusa, Leo cobriu-lhe os seios de beijos, como borboletas adejando sobre flores. Acariciou-os com as mãos e roçou o polegar sobre os mamilos até deixá-la arquejante e sem forças.

Então carinhosamente baixou o zíper da calça jeans que ela usava. Ellie não fez nada para impedi-lo. Apenas permaneceu sentada, com o corpo relaxado, numa atitude de abandono, deixando-o remover sua calcinha e apartar-lhe as coxas. Então o sentiu provar delicadamente, com sua língua, o mel de sua intimidade.

Quando, através de olhos entreabertos, o viu livrar-se das próprias roupas, esticou os braços e o puxou para si. Movimentando-se entre as pernas delas, ele a penetrou profundamente. Então continuou a se movimentar até que seu corpo estremecesse junto ao dela.

– Aqui vamos nós, minha querida – murmurou ele, depois que a carregou para o sofá onde pudessem deitar entrelaçados.

Minha querida? Sexo nunca é o suficiente quando vem acompanhado de casamento. O sexo... desaparece.

Ela então perguntou o que a vinha importunando há tempos.

- E... Caroline?
- Terminamos.
- Sei disso, mas por quê? Você sabia que eu lhe daria o divórcio sem causar nenhum problema, que aquele pedaço de papel era mera formalidade.
- Esta não é a razão pela qual terminei com ela. – Leo sentiu-se corar.
- Então por quê? – pressionou Ellie.
- Nosso casamento era um arranjo.
- Que espécie de arranjo?
- Serviu para ambos na ocasião. Mas não vamos discutir isso.
- Por que não?
- Leo suspirou exasperado, mas desistiu.
- Foi simplesmente algo que pareceu uma boa idéia na ocasião.
- Como nós nos casando quatro anos atrás, você quer dizer?
- Não, não como aquilo. – De jeito nenhum como aquilo, pensou ele. O casamento com Ellie fora por amor. Ele a ensinaria a amá-lo. Além disso, já tinham uma vantagem. Fisicamente, encaixavam-se tão bem como mão e luva.
- E o que você está propondo para mim agora, Leo, não é somente outra espécie de acordo? – A voz era triste, mas gentil.
- Você não pode comparar as duas coisas.
- Situações diferentes, admito, mas o resultado é quase o mesmo. – E o fato de que ele podia até mesmo

considerar casar-se com uma mulher como uma espécie de negócio, deixou-a com certeza de que amor e casamento não andavam de mãos dadas para ele.

Mas ela o amava. Como poderia viver como esposa de um homem que não a amasse também?

– Ouça, Leo – disse de modo afável. – Não posso ir para os Estados Unidos com você. E antes que você pule e berre comigo, digo-lhe que pode passar quanto tempo quiser com William. Não o impedirei. Sei que será um pouco complicado com você vivendo do outro lado do mundo, mas sempre que vier a Londres a negócios, poderá vê-lo, sem me avisar. E é claro, quando ele ficar mais velho, poderá ir ver você. Ele poderá viajar como menor desa-companhado.

– Por que você não se transforma em minha mulher? No verdadeiro sentido da palavra?

Ellie ouviu a autocrática exigência na pergunta, com o coração apertado. E respondeu, apenas mentalmente. *Porque eu o amo muito para submeter-me a uma união sem amor.*

– Porque não amamos um ao outro – disse então, simplesmente.

CAPÍTULO DEZENOVE

– Posso lutar contra você – disse Leo, fitando-a.

Ellie sabia que ele não lutaria. Jamais sonharia em fazer tal coisa.

– Você perderia.

– Você alguma vez... pensou em mim, Ellie?

A pergunta a atingiu em cheio, fazendo-a enrubescer. Sim, tinha pensado nele. Não havia percebido o quanto, até agora, quando o vira outra vez. Inconscientemente, tinha comparado cada homem que havia conhecido durante aqueles quatro anos, a ele.

– Bem, sim, é claro. Quero dizer, você foi meu primeiro amante, Leo. É natural que eu pensasse em você.

– Mas fora isso?

Ellie podia sentir que a conversa estava fluindo para águas traiçoeiras, águas com correnteza suficiente para levá-la ao fundo.

– Quando fiquei grávida, não pude deixar de pensar em você. Você era o pai do meu filho. Mas não houve maneira de entrar em contato. Além disso, li o suficiente para saber que a última coisa que a maioria dos homens quer é ser sobrecarregado por um bebê. Principalmente você.

– Por que principalmente eu?

– Porque você tinha sua carreira toda pela frente. Era brilhante, talentoso e rico. Um bebê teria sido um estorvo, como uma corrente em volta dos seus tornozelos.

– E não foi para você?

– Jamais lamentei ter William. – Só agora percebia porquê. William sempre fora uma lembrança constante do amor que ela tinha perdido.

– Você teve três anos a mais da presença de nosso filho. Não pensa que mereço a chance de ser pai? – Ele permaneceria ali até que o mundo se acabasse, mas ela não ia fugir outra vez. Ele sabia disso como uma inquebrantável verdade.

– Claro que merece! E como eu disse...

– Eu poderia ser um pai pela metade. Entendi o que você disse.

– Não foi o que eu quis dizer.

– E como será quando você encontrar alguém mais? Meu papel de pai pela metade fica reduzido a nada? Meu filho ficará acostumado a chamar outro homem de papai? E quanto às considerações financeiras? Não acha que posso querer sustentar meu filho? Dar-lhe coisas? Vê-lo crescer?

– Sim, suponho que... – As correntes estavam de volta, desta vez em formato diferente, e Ellie franziu o cenho quando tentou desembaraçar os fios dos pensamentos confusos que passavam por sua cabeça.

– Como posso ver meu filho crescer há mil milhas de distância, do outro lado do Atlântico?

– Você não me quer como esposa! – protestou Ellie. – Você não me localizou para me dizer que me ama e que ainda me quer. Você me procurou para obter um divórcio a fim de poder casar-se com outra pessoa.

– Isto é verdade – admitiu Leo rapidamente. – Mas...

– Mas, o quê? Você só mudou de idéia por causa de William.

– Rompi com Caroline antes de saber da existência de William.

– Sim, mas...

– E por que você acha que rompi?

– Porque...

Leo a interrompeu.

– Siga o pensamento, Ellie, e diga-me por quê.

CAPÍTULO VINTE

Ellie ficou em silêncio e apenas o fitou.

– Por que você acha que me casei com você quatro anos atrás?

– Porque você se deixou levar pela excitação da proximidade do ano-novo e pela euforia de estar em Las Vegas. E também porque bebeu demais.

– Aquela não foi a primeira vez que estive em Las Vegas – disse Leo, falando devagar e com cuidado, e porque não ia permitir que o orgulho alterasse uma palavra do que tinha a dizer. – E certamente não foi a primeira vez que freqüentei uma alegre comemoração da véspera do ano-novo. Continue com sua explicação.

– Você não estava sob controle total... nenhum de nós dois estava.

– Eu estava sob controle suficiente para arranjar uma limusine que nos levasse para obter a certidão de casamento. Portanto, continue.

– Por que então? – Ela parecia estar segurando a respiração numa expectativa de uma resposta que sabia que não viria.

– Você se recorda do que eu lhe disse naquela noite? O que lhe disse em diversas ocasiões, na verdade, durante o período de tempo que estivemos juntos?

– Bem... você disse que me amava. – Ellie riu, apressando-se para desfazer a possibilidade de que aquele amor ainda existisse, mas a gravidade da expressão dele tirou-lhe o sorriso dos lábios.

— Eu a vi e você me tirou a respiração. Falei com você e me senti como nunca na vida me senti com outra mulher, e houve muitas. — Ele deslizou os dedos através dos cabelos dela. — Você me encantou e me apaixonei por você. Não era jogo para mim. Casei-me com você porque *quis*. Pode imaginar como me senti quando acordei e descobri que você havia desaparecido? Tentei localizá-la, mas todos os caminhos me conduziam a uma parede de tijolos. E agora posso ver que estive vagueando pelos últimos quatro anos. Caroline foi minha tentativa sexual de matar o passado e sei disso agora. Quando vi sua foto no jornal, li seu nome e tive consciência de que finalmente poderia encontrá-la, todas as velhas emoções voltaram. E então eu a vi. Você ainda tirou-me a respiração. Conversamos e você preencheu minha alma inteira como fez naquele tempo, varreu todo o ceticismo que eu tinha construído sobre a instituição do casamento. Foi quando me dei conta de que tinha que romper com Caroline.

Ellie sentiu que poderia desmaiar a qualquer momento. É isso que se sente quando os sonhos se realizam?

— Tentei odiá-la quando percebi que você tinha mentido para mim — continuou ele. — Mas então, tudo que pude pensar foi que eu tinha uma mulher e um filho.

“Esta é a razão porque quero que você vá comigo, Ellie. Porque quero você. Quero acordar com seu rosto maravilhoso ao lado do meu todas as manhãs. Quero ter meu filho conosco. Quero que você tenha mais bebês. E se você não me ama agora, então pode aprender a me

amar. Posso ensiná-la. – Tinha aberto seu coração completamente e agora observava o rosto feminino com ansiedade, sem saber o que faria se ela o rejeitasse novamente.

Então ela sorriu e seu sorriso disse tudo.

– Estive esperando – murmurou Ellie. – Esperando minha vida inteira encontrar você e então encontrei. E passei os quatro últimos anos num vazio imenso, esperando que você voltasse, sem perceber isso. Meu querido, estou tão feliz que você tenha voltado.

– Você me ama. – Havia uma alegria feroz na afirmação, que intensificou ainda mais quando ela assentiu com um movimento de cabeça. – Minha querida – disse ele, beijando-a gentilmente na boca –, nossas vidas começam agora...

FIM

